

O CONTO BRASILEIRO HOJE¹

Antonio Carlos Viana²

Resumo: Este artigo traz uma análise sobre as principais linhas do conto brasileiro contemporâneo. Será vista também a relação entre a tradição e a contemporaneidade no que se refere a temas, linguagem e estrutura. Quais os pontos de contato entre os novos autores e os principais contistas brasileiros do final do século XX. Que nomes despontam como mais importantes e qual a sua contribuição para a renovação e perpetuação do gênero.

Palavras-chave: conto brasileiro, temas e estrutura, contistas contemporâneos.

Abstract: This paper presents an analysis about the main lines of the Brazilian contemporary short story. It will also show the relation between tradition and contemporaneity in respect to themes, language and structure of short stories. What are the points of contact between the new authors and the main Brazilian storytellers of the end twentieth century. What names introduce as the most important and what is their contributions to update and perpetuation of this genre.

Keywords: Brazilian short story, themes and structure, contemporary storytellers.

Creio que é dever de todo escritor ler seus contemporâneos para saber se situar e observar como o gênero que cultiva está sendo tratado naquele momento. Como escrevo contos, tenho acompanhado o trabalho dos contistas brasileiros desde sempre. Em geral, os cursos de literatura oferecem uma certa resistência diante dos autores atuais porque não se sabe se eles vão permanecer ou não. É a velha história do cânone. Espera-se para ver quem permanece. Acredito que os estudos literários deveriam começar pelo presente e se encaminhar em direção ao passado, mostrando o elo que existe entre a contemporaneidade e a tradição. Assim o aluno teria uma visão mais abrangente do fazer literário a partir de uma linguagem de seu tempo, que lhe fala mais de perto.

¹ Comunicação apresentada no II Senalic (UFS, 2010) e na aula inaugural dos cursos de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia.

² Autor de *O meio do mundo e outros contos* (1999), *Aberto está o inferno*(2004) e *Cine Privê* (2009), publicados pela Companhia das Letras.

Quanto ao conto brasileiro hoje, tema desta minha fala, posso dizer que está num de seus bons momentos. O gênero sofreu uma certa restrição por parte das editoras nas décadas de 80 e 90. Dizem que não vende. Felizmente, nesta primeira década do século XXI, as editoras mudaram seu ponto de vista e voltaram a apostar nos contistas e eles são muitos.

Em recente texto publicado no jornal Rascunho (maio de 2010), de Curitiba, o professor e escritor Rinaldo de Fernandes, ele também contista e romancista, faz um estudo bem amplo do conto brasileiro atual e o divide em cinco vertentes:

1. Vertente da violência ou brutalidade no espaço público e urbano.
2. Vertente das relações privadas, na família ou no trabalho, em que aparecem indivíduos com valores degradados, com perversões e não raro em situações também de extrema violência, física ou psicológica.
3. Vertente das narrativas fantásticas, na melhor tradição do realismo fantástico hispano-americano, às quais se podem juntar as de ficção científica e as de teor místico/macabro.
4. Vertente dos relatos rurais, ainda em diálogo com a tradição regionalista.
5. Vertente das obras metaficcionalis ou de inspiração pós-moderna.

Como cada um de nós vê de uma forma as coisas do mundo, minha divisão é diferente da de Rinaldo. Ele escolheu o ângulo da temática, enquanto eu preferi caminhar pela relação entre as principais linhas do século que passou e como elas se prolongam hoje.

Como escreve Hélio Pólvora em seu livro *Itinerários do conto*, “o escritor consciente, habilitado pelo talento e vocação, jamais cria no vácuo, jamais troca a gravidade pela imponderabilidade”.(p.101) E a escritora norte-americana Flanery O'Connor, citada por ele no mesmo livro, diz: “A menos que o ficcionista se tenha alienado por completo, seu objetivo é ainda a comunicação, e comunicação sugere conversa no âmbito de uma comunidade”. (p.101)

Sendo assim, prefiro falar em herdeiros, ou seja, ver como os contistas de hoje estão levando adiante a herança deixada por seus antecessores. Não esgotarei os nomes nem os tipos de herança, porque impossível, a produção é vasta. É bom também que se diga que, como toda classificação, esta tem suas imperfeições. Às vezes um mesmo

autor poderia estar em dois grupos diferentes porque, salvo exceções, um livro de contos dificilmente tem uma unidade temática tão rigorosa quanto um romance. O meu objetivo é mapear os autores que tenho lido sem formular sobre eles um juízo de valor.

1 - OS HERDEIROS DA INTROSPECÇÃO, DO INTIMISMO NA LINHA DE CLARICE LISPECTOR E LYGIA FAGUNDES TELLES: ADRIANA LUNARDI, CÍNTIA MOSCOVICH, MÁRIO ARAÚJO.

Adriana Lunardi tem dois livros de contos, *As meninas da Torre Helsinki e Vésperas* (Rocco), e Cíntia Moscovich tem três: *O reino das cebolas* (L&PM), *Anotações durante o incêndio* e *Arquitetura do arco-íris* (Record). Nessa linha, essas duas escritoras se avultam como das mais importantes porque trouxeram além de temática própria, o apuro literário dos grandes mestres da literatura.

Cíntia tem como eixo a comunidade judaica de Porto Alegre e faz uma literatura introspectiva mas que não deixa de ser bem-humorada, cheia de sutilezas, de lirismo poético. Também é uma de suas marcas a exploração do erótico sem em momento algum cair no vulgar. Ela é autora de um romance e de uma novela: *Por que sou gorda, mamãe?* e *Duas iguais*.

Adriana Lunardi, catarinense que mora atualmente no Rio de Janeiro, é autora de *Vésperas*, livro que impressiona por sua inventividade, todo ele lastreado sobre um único tema: a morte. Nele, a linguagem atinge um dos mais elevados tons poéticos de nossa mais recente literatura. Adriana maneja a arte do conto com domínio absoluto de seus elementos estruturais, em que o trabalho com a linguagem da introspecção parece medida palavra por palavra. Nesse livro ela relata a véspera da morte de nove escritoras ou de alguma personagem a elas relacionada. São elas: Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Clarice Lispector, Colette, Dorothy Parker, Elza Fitzgerald, Ana Cristina César, Sílvia Plath, Júlia Costa. Trata-se de um dos mais belos livros da literatura brasileira atual. Ela tem também um romance, *Corpo estranho* (Rocco), de 2005.

Outro escritor que percorre os meandros da introspecção é o curitibano Mário Araújo, que recebeu em 2006 o Prêmio Jabuti, com *A hora extrema*, seu livro de estreia. Em 2008 publicou *Restos*, que mereceu os maiores elogios de um crítico feroz como Millôr Fernandes. Neste livro temos um universo marcado profundamente pela solidão

do indivíduo, de que o conto-título é o melhor exemplo. “Restos” fala de um rapaz de trinta anos que vai escolher o túmulo em que enterrará o corpo do pai. O cenário desolador do cemitério, o sol quente, o encontro com os ossos de alguns familiares dão bem a mostra da introspecção que o autor vasculha com intensidade, passando ao leitor toda a desolação que só mesmo quem a sofre entende. Num outro conto, “Rauzclíni”, a personagem é uma faxineira brasileira que foi morar nos Estados Unidos, mais precisamente em Framingham, no estado de Massachusetts. Sobre ela se abate uma solidão desmesurada em meio ao frio e à neve, cercada por falantes de uma língua que ela não domina. Um autor a descobrir.

2 - OS HERDEIROS DA VIOLÊNCIA URBANA: ANA PAULA MAIA, JOSÉ REZENDE JR. E GREGÓRIO BACIC. ELES RETOMAM O FIO DA VIOLÊNCIA, CUJOS MESTRES MAIORES SÃO RUBEM FONSECA E DALTON TREVISAN,

Ana Paula, em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (Record), constituído de dois longos contos ou, para outros, duas novelas, dá uma dimensão tal à violência que chega ao exagero, ao hiper-realismo. Seu universo é o dos homens afeitos aos piores trabalhos de nossa sociedade: lixeiros, britadores, matadores de porcos, desentupidores de esgotos. Ela transpõe para a literatura a violência dos subúrbios cariocas, onde a melhor diversão é assistir numa rinha à luta de cachorros assassinos. Ana Paula consegue misturar linguagem crua e poesia, como neste pequeno fragmento:

“(O lixão) Não é um lago de enxofre como no inferno. É pior. O chorume é o fim de todas as coisas. Restos de comida, resíduos tóxicos e cadáveres insepultos terminam ali. Erasmo Wagner teve um primo assassinado e deixado naquele mesmo lixão. Morto por engano. Quando olhava para o lago, balbuciava uma breve oração. Chorume é um choro interminável e maldito. São lágrimas deterioradas dos olhos flagelados. (p.109)

O mineiro José Rezende Júnior, com dois livros publicados, *A mulher-gorila* e *Eu perguntei ao velho se ele queria morrer (e outras histórias de amor)* (7 Letras), traz também a violência para a literatura com uma grande preocupação formal. Seus contos falam de dois tipos de violência: a explícita, que se manifesta sobretudo no conto-título e a surda, que não se concretiza mas pulsa latente.

No conto que dá título ao livro, ele põe em cena um personagem que não gosta de ser bom. Seu ideal é ser sempre ruim. Ele cuida de um velho que o amparou quando saiu da Febem. O velho está morrendo e ele quer acabar logo com aquele sofrimento, mas na hora H, é vítima de uma forte dúvida: se matar o velho ele estará praticando um ato de bondade. O conto começa assim:

“Eu olhei bem pra cara do velho, mirei no meio dos olhos e perguntei se ele queria morrer. O velho disse que sim, quer dizer, eu achei que sim, é claro que ele queria morrer, que graça tinha continuar vivo daquele jeito? Mas eu não tive certeza. Eu procurei uma resposta, uma confirmação, um sinal que fosse, antes de puxar o gatilho eu precisava ter certeza que ia fazer aquilo pra livrar o velho, e não pra me livrar do velho. Claro que eu também queria me livrar do velho, mas saber que era o melhor pra ele talvez me fizesse sentir bem, de um jeito que eu nunca me sentia depois de puxar o gatilho. Não sei o que deu em mim, só sei que levantei da cama de saco cheio e achando que matar o velho era uma boa ação, a primeira, a única, a última de minha vida (...). (p.25)

Um terceiro escritor, não da mesma geração de Ana Paula e Resende Júnior, Gregório Bacic, aborda o tema da violência mas de forma irônica. Em *Peão Envenenado* e outras *Provocações*, há um conto intitulado “Pequenas distrações”, em que ele ironiza a neurose da segurança que tomou conta de nossa sociedade, que apela para todos os meios a fim de se sentir livre de qualquer ameaça em suas casas. O conto caminha para o exagero, mas não na linha de Ana Paula Maia, e sim no da desdramatização, chegando, assim, ao cômico. Nesse conto, uma família recorre a todos os tipos de aparelhagem de segurança: porteiros bem treinados, crachás, filmadoras, cães ferozes. A ironia vem no final, quando toda a família é exterminada não por alguém estranho a ela, mas pela própria filha. Ironia pura.

O que tanto Ana Paula Maia quanto José Rezende deixam transparecer em suas histórias é uma ponta de humanidade que emerge mesmo das personagens capazes das maiores abjeções. Já Bacic critica pelo riso irônico uma sociedade que fabrica sua própria destruição sem se aperceber disso.

3 - OS HERDEIROS DO INSÓLITO

Para entendermos de que insólito falamos, recorremos a uma entrevista de Julio Cortázar a Ernesto González Bermejo no livro *Conversas com Cortázar*. Perguntado o que entendia por fantástico, Cortázar diz:

“...embora muita gente admire os contos fantásticos de Lovecraft - (...) - eu, pessoalmente, não me interesso nem um pouco por eles, pois me soam fabricados e artificiais. (p.36)

- Para mim, o fantástico é, simplesmente, a indicação súbita de que, à margem das leis aristotélicas e da nossa mente racional, existem mecanismos perfeitamente válidos, vigentes, que nosso cérebro lógico não capta, mas que em certos momentos irrompem e se fazem sentir. (p.37)

Um fato fantástico se dá uma vez e não se repete mais; haverá um outro, mas aquele mesmo não tornará a acontecer. (p.37)

Vemos nessa linha o trabalho de Amílcar Bettega Barbosa, Nelson de Oliveira e Paulo Henriques Britto.

O gaúcho Amílcar Bettega Barbosa, ganhador do Prêmio Telecom 2005 com *Os lados do círculo* (Companhia das Letras), tem um livro de 2002, *Deixe o quarto como está*, em que o insólito aparece com uma força surpreendente. Sua epígrafe é extraída do escritor norte-americano Raymond Carver, autor de *Iniciantes*, um livro indispensável para os apreciadores do conto. A epígrafe diz: “Deixe o quarto como está. Agora, está tudo pronto. Estamos prontos. Quer ir?” O convite nos leva a percorrer um mundo marcado por situações insólitas, estranhas ao nosso cotidiano. A linguagem de Bettega é direta, sem artifícios retóricos, devolvendo-se sempre um real assustador. No livro, há dois contos bem representativos desse insólito: “O crocodilo I” e “O crocodilo II”. Logo no primeiro parágrafo ele vai direto ao ponto:

O crocodilo entrou no meu quarto mansamente, com passos arrastados que deixaram a ponta do tapete virada. Ele subiu no meu colchão onde eu estava deitado, se aninhou junto dos meus pés e ficou me olhando. (p.51)

Nesse conto, um rapaz passa a viver com um crocodilo que se aloja em seu ombro e do qual não se livrará mais. Quando vai pela rua, vê que todo mundo carrega um animal nas costas: gato, cachorro, pombo. Com o passar do tempo, ele termina se acostumando com aquela situação.

Em “Crocodilo II”, o mesmo narrador, agora casado, tem um filho que reclama por não ter um crocodilo como o pai. O narrador diz, então, no final do conto: “... eu digo que ele terá o seu crocodilo, que é preciso paciência, que um dia ele terá, e nem lhe falo nada – porque é muito cedo – sobre o pequeno ovo que já se faz perceber nas costinhas dele. (p.69)

Os contos de Bettega criam sempre mal-estar, inquietação, vontade de decifrar seus enigmas.

Nelson de Oliveira, um dos mais conhecidos autores da nova geração e também dos mais prolíficos, também fala de mundos insólitos a partir de fatos triviais. No conto que dá título a seu livro *Naquela época tínhamos um gato e outros contos* (Companhia das Letras), temos um bom exemplo disso. Uma família tinha um gato que dava muito trabalho, por isso o troca por um cão, um fox-terrier, que tem vida interior própria a ponto de incomodar toda a família com seu olhar perscrutador. Ele parece observar cada um da casa profundamente. Não é um cachorro comum, mas um que se faz perceber, o que gera incômodo nos membros da família, acostumados a não pensar. Diz o narrador:

Frequentemente, durante uma conversa reservada com meu pai, ou com qualquer outro membro mais próximo da família, imaginando estarmos a sós, a portas trancadas, de repente pressentíamos um observador inoportuno analisando nossos sentimentos, nossos segredos. (p. 61)

A família, por meio do cão, toma consciência de si no mundo e não consegue mais voltar ao estágio anterior, quando vivia inconsciente das coisas. O cão foi o motor da mudança interior das personagens.

Paulo Henrique Britto, mais conhecido como poeta, autor de dois livros fundamentais, *Macau e Tarde*, publicou em 2004 um livro de contos intitulado *Paraísos artificiais*. Em seus contos, o indivíduo quase sempre está às voltas com acontecimentos que têm algo que escapa à sua compreensão. O insólito não chega como algo do outro mundo, mas como algo desestabilizador, atrelado aos fatos mais comezinhos do cotidiano, como acontece em “O 921”. Neste conto, a personagem está à espera de um ônibus que não chega e ele embarca num outro, o 921, para uma viagem que, ao final, parece sem fim e sem destino definido. O ônibus roda pela estrada como se fosse um ônibus-fantasma, apenas com o motorista e mais um outro passageiro.

Durante o trajeto o passageiro passa mal e morre. O narrador é obrigado a tomar providências, o que altera radicalmente o seu dia e seu destino. A situação insólita apresenta traços tragicômicos que o leitor acompanha com interesse. E o conto termina sem que saibamos para onde está mesmo indo o narrador, agora no carro da polícia, onde adormece.

4 - OS HERDEIROS DA DIMENSÃO REGIONAL: RONALDO CORREIA DE BRITO.

Por que evito aqui o termo regionalista? Como diz Antonio Candido: “O regionalismo foi uma etapa necessária, que focalizou a literatura, sobretudo o romance e o conto, na realidade local”(p.359). Ele diz que os melhores produtos da ficção brasileira foram urbanos. Mas, diz ele ainda, “isto não impede que a dimensão regional continue presente em muitas obras da maior importância, embora sem qualquer tendência impositiva, ou de requisito duma equivocada consciência nacional” (p.361). O que há hoje é “uma florada novelística marcada pelo refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se desencarnarem e adquirirem universalidade” (p.361). Hoje soa anacrônico enfatizar as falas, os tipinhos simplórios, só para marcar uma região. Esse regionalismo não tem mais sentido. Ultrapassamos o pitoresco, o documental.

Ronaldo Correia de Brito publicou até agora dois livros de contos: *Faca* e *Livro dos homens*, ambos pela Cosac & Naify, além de um romance, *Galileia* (Alfaguara), ganhador do Prêmio São Paulo, em 2009. Suas histórias se situam no sertão, mas poderiam ser em qualquer outro espaço que tivesse aquelas características: aridez, solidão, dureza. Ele imprime em seus contos uma dimensão de tragédia grega. O sertão é escolhido porque seu cenário amplia essa dimensão trágica. Ele lembra mais o escritor albanês Ismail Kadaré que um José Lins do Rego, por exemplo. Seu sertão é universal. Ele não está preocupado com paisagens, tipos, falas, mas com o que ruminam as personagens, quase sempre envolvidas com histórias de traição e vingança. Assim acontece no conto “Inácia Leandra” em *Faca*. Inácia é irmã de Pedro Leandro, a quem ela odeia. Inácia herdou a casa dos ancestrais. Pedro planeja matá-la porque a casa e parte das terras ficaram com ela. Ele sonhava o dia em que a Fazenda da Barra seria uma terra só dele. Inácia vive sozinha com os retratos de seus mortos. A primeira vingança de Pedro é matar Lourenço Estevão, por quem Inácia é apaixonada.

Lourenço aparece morto. Depois Pedro e o cunhado vão matar Inácia, mas são mortos por um desconhecido que estava arranchado na casa de Inácia. Como se vê, uma história que tem o sertão como cenário da vendetta, porque ali tudo adquire dimensões trágicas agravadas pelo isolamento das personagens em lugares ermos, onde só pode recorrer à própria coragem. Em resumo, Correia de Brito fala de dramas familiares e traz reminiscências da tradição oral dos narradores anônimos, como acontece em “Lua Cambará”, um longo conto que vale a pena conhecer.

5 - OS HERDEIROS DA ORALIDADE: MARCELINO FREIRE, ANDRÉ SANT’ANNA, DANIEL GALERA.

João Ubaldo Ribeiro disse recentemente numa entrevista que todo mundo acha que é muito fácil escrever como se fala, o que não é verdade. Transpor para um texto a oralidade exige um domínio muito grande de técnica literária. João Ubaldo é realmente um dos maiores escritores da atualidade, em que as personagens parecem ser flagradas no momento da fala. Essa linha, que tem em Mário de Andrade, nos Contos de Belazarte, um de seus maiores cultores, continua hoje em três autores que considero bem representativos: Marcelino Freire, André Sant’Anna e Daniel Galera.

Marcelino Freire, um dos maiores agitadores culturais de São Paulo, tornou-se muito conhecido por seu livro *Angu de sangue* (Ateliê Editorial), no qual trabalha a oralidade com muita força e propriedade. É antológico seu conto “Muribeca”, em que uma mulher reclama do lixão que vão acabar:

Lixo? Lixo serve pra tudo. A gente encontra a mobília da casa, cadeira pra pôr uns pregos e ajeitar, sentar. Lixo pra poder ter sofá, costurado, cama, colchão, até televisão. É a vida da gente o lixão. É por que é que agora querem tirar ele da gente? O que eu vou dizer pras crianças? Que não tem mais brinquedo? Que acabou o calçado? Que não tem mais história, livro, desenho? (p.23)

E finaliza assim: “Não, eles nunca vão tirar a gente deste lixão. Tenho fé em Deus, com a ajuda de Deus, eles nunca vão tirar a gente deste lixo. Eles dizem que sim, que vão. Mas não acredito. Eles nunca vão tirar a gente deste paraíso.” (p.25)

Além de *Angu de sangue*, Marcelino publicou: *Balé-ralé, Contos negreiros* (Prêmio Jabuti 2006), *Rasif, mar que arreventa*, de 2008), todos de contos.

André Sant'Anna trabalha com o urbano, em que as relações sociais se tornam mais tensas por conta da vida moderna, do consumo, do individualismo exacerbado, da busca desenfreada do sucesso, da fama. A forma que ele escolhe é da linguagem sem freios, em situações paroxísticas. Ele lançou em 2009 um livro bem original, *Inverdades (7 Letras)*, tendo antes lançado *Sexo e amizade* e o romance *O paraíso é bem bacana*, ambos pela Companhia das Letras. Em *Inverdades*, vale a pena ver o trabalho que ele faz ao jogar com dois planos: o real e o ficcional, colocando em cena personagens nossos conhecidos, como Lula, Sandy, Nelson Rodrigues, Luciana Jimenez, Mick Jagger, além de outros mais.

A linguagem de Sant'Anna é veloz, cheia de humor, com repetições intencionais. Dos contemporâneos é um dos que reproduzem a fala com mais liberdade (“A lá ó, a lá a aleijada, tá vendo?”). Ele não tem medo do grotesco nem das palavras chulas tão necessárias ao universo que ele cria.

Eis um bom exemplo de sua prosa frenética extraído do conto “O importado vermelho de Noé”, que está na antologia *Os cem melhores contos brasileiros do século*:

“Está chovendo dinheiro em Nova York. Deu no rádio. Deu na CBN. E, com o meu carro vermelho, importado da Alemanha, logo estarei no aeroporto e voarei para Nova York pela American Airlines. O meu carro vermelho, importado da Alemanha, é veloz. Eu tenho poder de compra e por isso comprei o meu carro vermelho importado da Alemanha. Eu tenho empresas e sou digno do visto para ir a Nova York. O dinheiro que chove em Nova York é para pessoas com poder de compra.” (p.596)

Encerro esta breve viagem pelo conto brasileiro atual com Daniel Galera, que, aos 22 anos, lançou *Dentes guardados*, à disposição na internet, em terceira edição. Depois deste, lançou a novela *Até o dia em que o cão morreu*, e dois romances *Mãos de cavalo* e *Cordilheira*, todos pela Companhia das Letras.

Em *Dentes guardados*, vemos um autor dono de uma linguagem ágil, moderna, sem medo algum das palavras, tal como André Sant'Anna. Ele põe geralmente em cena casais jovens à beira de um ataque de nervos amoroso e sexual, em que não faltam cenas sado-masoquistas. Só um exemplo: no conto “Amor perfeito”, a narradora reclama do namorado porque ele a compreende demais e isso a cansa. Ela faz tudo para exasperá-lo, e quando no final ele revida os ataques dela com brutalidade, ela acha que ele está simplesmente fazendo o que ela esperava. Não há esperança de comunicação entre as pessoas, é o que parece nos dizer Galera. Há em suas

personagens essa dificuldade de alcançar o outro, o que faz vir à tona um solidão insuperável.

E assim concluo esta minha fala, consciente de que apenas esbocei o começo de um trabalho que prossegue a cada dia com a leitura dos novos contistas. Prefiro dizer que é um trabalho em progresso, antes de ser qualquer classificação definitiva. É um trabalho em aberto, que deverá ir se ampliando à medida de minhas novas leituras.

REFERÊNCIAS

BERMEJO, Ernesto González. **Conversas com Cortazar**. Trad. Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BARBOSA, Amílcar Bettega. **Deixe o quarto como está**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: América Latina em sua literatura. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FREIRE, Marcelino. **Angu de sangue**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

MAIA, Ana Paula. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MORICONI, Ítalo(org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

OLIVEIRA, Nelson de. **Naquela época tínhamos um gato e outros contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PÓLVORA, Hélio. **Itinerários do conto: interfaces críticas e teóricas da moderna short story**. Ilhéus: Editus, 2002.

RESENDE Jr., José. **Eu perguntei ao velho se ele queria morrer (e outras histórias de amor)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

Outras obras citadas

ARAÚJO, Mário. **Restos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

BACIC, Gregório. **Peão envenenado e outras provocações**. São Paulo: Escrituras, 2002.

BARBOSA, Amílcar Bettega. **Os lados do círculo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Faca**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

_____. **Livro dos homens**. São Paulo: Cosac&Naify, 2005.

BRITTO, Paulo Henriques. **Paraísos artificiais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FONSECA, Aleilton. **O canto de Alvorada**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

GALERA, Daniel. Dentes guardados. Porto Alegre: Livros do Mal, 2001. Disponível na internet em: <http://www.ranchocarne.org/pdf/dentes.pdf>

LUNARDI, Adriana. As meninas da Torre Helsinki. Porto Alegre: Mercado Aberto/PMPA, 1996.

_____. **Vésperas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002

MOSCOVICH, Cíntia. Arquitetura do arco-íris. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Anotações durante o incêndio.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANT'ANNA, André. Inverdades. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.